

MERCEARIA

DO CÉU E

DA TERRA

AMOSRA

OUTROS LIVROS DE JAMES MCBRIDE

A Cor da Água

O Pássaro do Bom Senhor

Diacono King Kong

Miracle at St. Anna

Song Yet Sung

Kill 'Em and Leave

Five-Carat Soul

**MERCEARIA
DO CÉU E
DA TERRA**

**JAMES
McBRIDE**

TORDESILHAS

Rio de Janeiro, 2025

Mercearia do Céu e da Terra

Copyright © 2025 Tordasilhas é um selo da Alaúde Editora Ltda, empresa do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria LTDA)

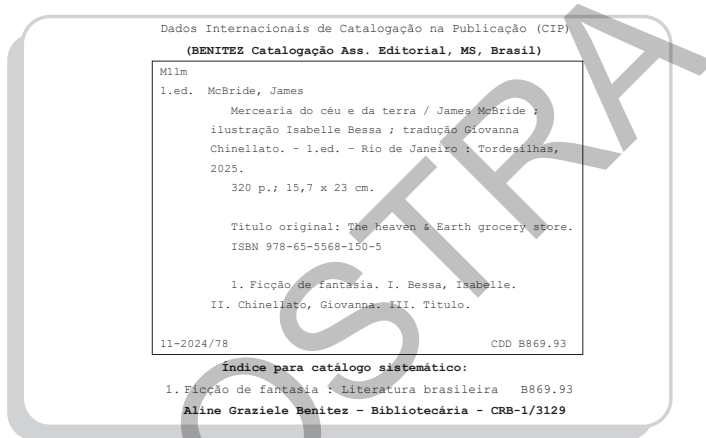
Copyright © 2023 James McBride.

ISBN: 978-65-5568-150-5

Translated from original *The Heaven & Earth Grocery Store*. Copyright © 2023 by James McBride. ISBN 978-0-593-42294-6. This edition is published by arrangement with Penguin Random House, the owner of all rights to publish and sell the same. PORTUGUESE language edition published by Alaúde, Copyright ©2025 by STARLIN ALTA EDITORA E CONSULTORIA LTDA.

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2025 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

ATENÇÃO: esta obra aborda diversos temas sensíveis. Para mais detalhes, verifique a página xvii



Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

Material de apoio e erratas: Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site www.altabooks.com.br e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

Suporte Técnico: A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books
Diretor Editorial: Anderson Vieira
Vendas Governamentais: Cristiane Mutús
Gerência Comercial: Claudio Lima

Produtora Editorial: Mariana Portugal
Tradução: Giovanna Chinellato
Capidesque: Wendy Campos
Revisão: Ellen Andrade
Diagramação: Joyce Matos
Capa: Paulo Gomes

Prefacista: Jacques Fux (autor de *Nunca vou te perdoar por você ter me obrigado a te esquecer*)



Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré
CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)
Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419

www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br

Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br



*Para Sy Friend, que ensinou a todos nós
o significado de Tikkun Olam*

AMOSTRA

AMOSTRA

AGRADECIMENTOS

Este livro começou como uma ode a Sy Friend, o aposentado diretor do acampamento para crianças com deficiência The Variety Club Camp em Worcester, Pensilvânia. Como muitos trabalhos de ficção, transformou-se em algo além. Trabalhei no acampamento por quatro verões quando era aluno na Oberlin College. Isso faz mais de quarenta anos, mas os ensinamentos de Sy sobre inclusão, amor e aceitação — repassados não com gentileza tolerante, mas com gestos que demonstravam aos receptores o caminho para a verdadeira igualdade — permaneceram comigo pelo resto da vida. Nesse espírito, sou grato a toda a família do Variety Club: os falecidos Leo e Vera Posel, que doaram a terra para o acampamento na década de 1930; o falecido administrador Bill Saltzman, que insistiu que eu me tornasse um conselheiro quando me candidatei à vaga de lavador de pratos aos 19 anos; meu amigo e ex-colega conselheiro Vinny Carissimi, que mais tarde se tornou um brilhante advogado ponta firme na Filadélfia e desatolou a mim e muitos de meus colegas do acampamento de vários lamaçais jurídicos, normalmente de graça. E é claro, Sy e seu marido, Bob Arch, que agora estão aposentados e vivem em Lake Worth, Flórida. Sy serviu no acampamento dos 16 anos até sua aposentadoria três décadas depois (1950–1979). Nunca conheci uma pessoa mais inteligente e compassiva do que ele. Era um homem magro, bonito, rápido como uma bala, que deslizava pelo acampamento como um espírito, de tênis branco impecável, shorts e camisa de golfe, com um sempre presente cigarro entre os dedos e a melodia de alguma

ópera contagiante na cabeça, pois amava ópera. Ele sabia o nome de todas as crianças e frequentemente dos pais também. Estava décadas à frente de seu tempo. Sua equipe parecia as Nações Unidas, muito antes de a palavra “diversidade” ecoar pela América. Éramos todos mal pagos e trabalhávamos demais. Mas as lições que aprendemos com Sy nos deixaram ricos. Muitos dos antigos funcionários se destacaram posteriormente em diferentes áreas.

As crianças o amavam com extraordinária intensidade. Toda noite, na hora de dormir, ele tocava o disco riscado de um clarim chamando no velho alto-falante do acampamento, seguido por um gentil “*Boa noite, meninos e meninas*”. E se você ficasse lá fora olhando para a fileira de chalés, que não tinham ar-condicionado — ele se recusava a deixar a administração instalá-los, dizendo “*Eles precisam sentir o ar puro. Deixe-os viver. Ficam dentro de casa o ano todo.*” —, quase poderia escutar os murmúrios de todos os noventa e um hóspedes, as crianças em seus beliches, as palavras ecoando acima e abaixo pelas fileiras de chalés... “*Boa noite, Tio Sy.*”

Ele era diretor no distrito escolar da Filadélfia o resto do ano, mas uma lenda de verão para as crianças do acampamento. Uma delas, de quem cuidei, Lamont Garland, agora com 45 anos, era um menino nascido e criado no norte da Filadélfia que nunca deixou que uma dependência vitalícia de muletas, causada pelo que à época era chamado de paralisia cerebral, o impedisse de trabalhar para a companhia de força e luz Philadelphia Electric Company, na qual atuou por vinte e cinco anos até sua aposentadoria em 2014. Anos atrás, ele me contou uma história sobre Sy que eu nunca esqueci. Lamont, que agora mora em Columbia, Carolina do Sul, contou-a quando tinha 7 ou 8 anos. Frequentava a escola Widener Memorial na Filadélfia à época, que memoravelmente tem educado crianças com deficiência há mais de 116 anos. Estávamos sentados à varanda de um dos chalés do acampamento certa tarde de verão e ele disse, do nada:

— Tio Sy visitou Widener uma vez.

— Por quê?

— Não sei.

— Ele trabalhou lá?

— Não. Só apareceu para visitar. Estávamos reunidos no auditório um dia, e ele simplesmente entrou.

— E aí o que aconteceu?

— Nós o aplaudimos de pé.

Deixo para você, querido leitor, imaginar aquele auditório lotado, mais de quarenta e cinco anos atrás, o amontoado de muletas, cadeiras de rodas e crianças com todos os tipos de deficiência explodindo em um aplauso enérgico. Os que podiam ficar de pé, imagino, o fizeram, o restante urrou o usual grito de alegria que eu presenciava quando Sy virava o acampamento de ponta-cabeça com algum evento especial que ele ou outro funcionário havia inventado para torná-lo o estonteante espetáculo de vida do qual todos nos lembraríamos para sempre: os urros, os aplausos, os gritos animados, a torcida, os berros, as muletas erguidas no ar, a fantástica cacofonia de humanidade em cadeiras de rodas, alguns com óculos especiais, outros com aparelhos auditivos, cantando e gesticulando, as piscadelas, as risadas e os grunhidos de diversão, as caretas, o chacoalhar de cabeça e os uivos animados daqueles que não se encaixavam na “normalidade”. É impossível descrever.

Mas tudo se resume à mesma coisa.

Amor. De um homem. E o princípio ao qual ele dedicou toda a sua vida: igualdade.

Assim nasceu este livro.

O autor

Lambertville, Nova Jersey

Dezembro, 2022

AMOSTRA

EM BUSCA DO TIKKUN OLAM, A REPARAÇÃO E RECONSTRUÇÃO DO MUNDO

JACQUES FUX

Escritor, doutor em Literatura Comparada pela UFMG e pela Université de Lille 3, pós-doutorado na Universidade de Harvard, e pesquisador colaborador do Centro de Estudos Judaicos da USP. Autor de dezoito livros, entre romances, ensaios e infantojuvenis, incluindo a obra Meu pai e o fim dos judeus da Bessarábia. Foi vencedor do Prêmio São Paulo de Literatura com o livro Antiterapias e finalista do Prêmio Jabuti com o livro Nunca vou te perdoar por você ter me obrigado a te esquecer, entre outros prêmios. Seus livros e contos já foram publicados na Itália, Israel, México, Peru, República Dominicana, EUA e França.

Quem salva uma vida, salva o mundo inteiro

Talmud

Uma das ideias centrais que norteia o belíssimo *Mercelandaria do Céu e da Terra* é que a transformação e reparação do mundo exigem esforço humano, sempre guiado por valores éticos e espirituais. O conceito de Tikkun olam, encontrado em textos religiosos e filosóficos judaicos, diz que é nossa responsabilidade melhorar o mundo, trazendo justiça, bondade e harmonia para

peças e povos — inclusive para as diversas culturas judaicas, afro-americanas e negras apresentadas no livro.

Filho de Ruchel Dwajra Zylska, imigrante polonesa e judia ortodoxa, e do reverendo afro-americano Andrew Dennis McBride, James McBride cresceu em Red Hook, no Brooklyn, e desde pequeno conviveu com toda essa rica mistura cultural. Assim, ao tratar de assuntos tão complexos e polêmicos em busca do Tikkun olam, o escritor mostra habilidade, destreza com a história e as palavras, cuidado, coragem e sensibilidade. Em uma entrevista concedida ao NY Jewish Week, James McBride está consciente de toda essa dificuldade e responsabilidade: “Você está lidando com dinamite sempre que começa a falar sobre as relações entre negros e judeus [...] ao dizer qualquer palavra, as pessoas já estão prontas para te jogar pela janela. Mas houve e continua havendo muito amor e convivência. Há cooperação, e precisa haver, dados os tempos em que vivemos.”

Mercearia do Céu e da Terra se passa em uma comunidade rural em Pottstown, Pensilvânia. Apesar de iniciar com um evento ocorrido nos anos 1970, o livro se fixa primordialmente nos anos 1920 e 1930, quando distintas comunidades negras e judaicas vivem mais ou menos em harmonia no decadente bairro de Chicken Hill, e experienciam várias formas de discriminação e racismo.

A trama tem início quando o Estado decide tentar capturar Dodô, um garoto negro, com deficiência em função de um acidente e amado pela cidade, para enviá-lo a Pennhurst. Conhecendo a fama dessa terrível instituição, um casal de judeus — Moshe, rico empresário e dono do teatro, e sua esposa Chona, que administra a Mercearia sempre no vermelho, pois seu objetivo é ajudar os necessitados — esconde e protege, com o auxílio de amigos negros e judeus, esse pobre menino. Essa decisão desencadeará inúmeros acontecimentos com consequências para todos os envolvidos.

Para compor esta brilhante narrativa, o autor traz inúmeros personagens, histórias e culturas. Ao retratar os judeus, por exemplo, ele mostra as suas diferentes origens, costumes e comportamentos. A imigração judaica para os Estados

Unidos nas décadas de 1920 e 1930 recebeu em sua maioria judeus vindos da Rússia, Polônia, Lituânia, Romênia e Alemanha. Cada grupo trouxe consigo características culturais e experiências que influenciaram sua integração e a interação com a sociedade. Os judeus russos chegaram com uma forte tradição religiosa, comunitária e sionista, e se envolveram em causas sindicalistas. Os judeus poloneses, oriundos de uma das maiores comunidades judaicas da Europa, estabeleceram uma vida cultural rica, com ênfase em instituições educacionais judaicas e desenvolvendo uma imprensa iídiche. Os lituanos, também conhecidos como litvaks, focaram a religião ao fundar as yeshivot (escolas rabínicas e religiosas), o que contribuiu significativamente para o desenvolvimento do judaísmo ortodoxo moderno. Os romenos, além de se estabelecerem como pequenos comerciantes, artesãos e donos de teatros, ficaram conhecidos pelo estilo musical klezmer e por suas danças folclóricas. Havia também os judeus alemães, assimilados e distantes desses outros grupos, sobretudo em razão da língua, já que a maioria não falava iídiche como os judeus do leste europeu. Os judeus alemães tinham origens urbanas e muitos já falavam inglês ou aprendiam o idioma mais rapidamente que os outros judeus.

Mercearia do Céu e da Terra ainda apresenta certos elementos religiosos e culturais presentes em qualquer comunidade judaica (shul): a sinagoga, lugar de congregação e culto, onde acontece diariamente a leitura dos rolos da Torá, o livro sagrado, e que é necessário haver a minian, a presença de dez adultos judeus para que as rezas aconteçam; as yeshivot, escolas rabínicas e religiosas fundadas para perpetuar a religião; o micvê, uma espécie de piscina ou ofurô com água recolhida da chuva usado como purificação ritual; a mezuzá, uma pequena caixa que deve ser afixada nos batentes direitos das portas contendo um rolo de pergaminho com a reza Shemá Israel, a oração mais sagrada judaica. Além disso, por se integrarem e transformarem a cultura ao seu redor, há várias palavras em iídiche como *glitch*, *spiel* e *schmuck* que se tornaram pertencentes ao inglês falado nos Estados Unidos.

Já as comunidades afro-americanas de Pottstown, começaram a se estabelecer durante o final do século XIX e início do século XX em busca de oportunidades econômicas e para escapar da segregação racial, violência e discriminação que sofriam. Muitos vieram da Virgínia, Carolina do Norte e Geórgia para essa pequena região que oferecia oportunidades em fábricas e onde a perseguição racial ainda era um pouco mais branda. *Mercearia do Céu e da Terra* mostra com cuidado e sensibilidade as diferentes culturas e características das comunidades negras que viviam por todo país, e como as interações entre eles e os “outros” — assim como ocorreu com os judeus — eram complexas. Da mesma forma que ocorreu com o iídiche, ao se integrarem às comunidades, os afro-descendentes trouxeram expressões como *gumbo, goober, yam, banjo, cool, my bad, hater, 24/7, back in the day, high-five, lame* e *rip off* que se tornaram parte do inglês vernáculo afro-americano.

As relações entre judeus (não negros) e afro-americanos (góis, gentios) em comunidades como Pottstown foram intensas. Eles viviam em bairros próximos, compartilhavam espaços comuns e enfrentavam discriminação, perseguição e racismo da população branca e majoritariamente protestante que se incomodava com essa “recente” chegada de “invasores” e “mestiços”. Porém, como entre judeus e afro-americanos havia diferenças sociais e econômicas, por vezes ocorreram episódios históricos de violência. Mesmo assim, houve colaboração e solidariedade, pois ambos sentiram na pele o peso da violência e do ódio ao enfrentarem uma combinação única de hipervisibilidade, experiência diaspórica e trauma geracional.

O trauma geracional vivido por grupos diaspóricos que enfrentaram ameaças de genocídio, tanto o literal quanto o cultural, é outro ponto em comum entre essas culturas e discutido de forma única na obra de McBride. Para indivíduos negros e de ascendência judaica, como é o caso do próprio autor James McBride, o trauma geracional é duplo. A mercearia de Chona, espaço central na narrativa do livro, serve como uma metáfora para nos mostrar a conexão e as interações

de grupos raciais e sociais distintos. A mercearia mostra como e onde essas comunidades marginalizadas e discriminadas se encontravam para compartilhar experiências de luta e sobrevivência, além de realizar trocas comerciais, fazer críticas e sátiras.

Essa é outra característica explorada de forma inteligente e perspicaz por McBride, o uso do humor e da sátira, tanto das comunidades afro-americanas quanto dos vários estereótipos judaicos. Pertencente a esse grupo capaz de rir da própria desgraça, o autor, na voz de personagens divertidos e comentários sarcásticos, diálogos cômicos, absurdos e estranhos, critica diversas posturas da própria comunidade e também de outras comunidades. O humor é algo delicado, e só existe em articulação entre o meio social e seus sujeitos. Dessa forma, é preciso estar inserido, ou conhecer bastante a cultura, para ser capaz de “rir” das narrativas e piadas, caso contrário, corre-se o risco de ouvir algo incompreensível. Por meio do humor, é também possível criticar algum grupo sem que haja punições — a agressividade passa a ter um tom mais leve e risível, embora a intenção de ofender seja a mesma. Há ainda uma outra característica explorada pelo autor: o uso do humor autodepreciativo que tem também a função de proteção, já que a reação esperada é que a risada do inimigo atenua a hostilidade, diminuindo a violência física.

Ao nos adentrarmos aos conhecimentos místicos da Cabala, a ideia de Tikkun olam é ampliada: está associada à reparação das rupturas no mundo espiritual causadas pela “quebra dos vasos”, a Shevirat ha-Kelim. A Shevirat ha-Kelim nos diz que, durante a Criação, os vasos que deveriam conter a luz divina se quebraram, espalhando a santidade no mundo. Essa fragmentação se conecta à ideia de reconstrução, transformação e recuperação. Por isso existe um sentido na existência humana — a busca em restaurar o equilíbrio. Ao tentar salvar Dodô, ao se conectar com grupos e comunidades distintas, Chona busca reparação e transformação, e luta pela redenção talmúdica — afinal, “quem salva uma vida, salva o mundo inteiro”.